

A CIDADE REPRESENTADA EM TAGS: EXPLORANDO A FOLKSONOMIA NO FLICKR

Resumo: Este estudo explora o papel da folksonomia e sua importância no contexto contemporâneo da representação da informação. Analisa as *tags* atribuídas às fotos compartilhadas no grupo “Moinhos de Vento – Porto Alegre”, do *Flickr*, que objetiva mostrar as características do bairro. Estudo realizado em agosto de 2016, com abordagem quali-quantitativa, que leva em consideração a frequência de ocorrência das *tags* atribuídas pelos usuários e o tipo de informação que elas representam. Caracteriza as *tags* e evidencia quais aspectos das fotos são ressaltados pelos usuários, a partir da observação do formato e do conteúdo das *tags*. Objetiva identificar como as *tags* representam as fotos e as informações nelas contidas. As *tags* são atribuídas em vários idiomas e incluem os temas retratados nas fotos, suas localizações, aspectos técnicos e a os nomes dos fotógrafos. Conclui que, apesar da subjetividade intrínseca aos sistemas baseados em folksonomia, boa parte das *tags* realmente representa as fotos.

Palavras-chave: Folksonomia. Representação da Informação. Fotografia. *Tags*. *Flickr*.

Luis Fernando Herbert Massoni
Doutorando e Mestre em Comunicação e
Informação (PPGCOM/UFRGS)
fernandomassoni@hotmail.com

Andressa Bones Flores
Mestranda em Política Científica e Tecnológica
(PPGPCT/Unicamp).
andressabonesflores@gmail.com

THE CITY REPRESENTED IN TAGS: EXPLORING FOLKSONOMY ON FLICKR

Abstract: This study explores the role of folksonomy and its importance in the contemporary context of information representation. Analyzes the tags assigned to the photos shared in Flickr's "Moinhos de Vento - Porto Alegre", group which aims to show the characteristics of the neighborhood. Study conducted in August 2016, with a qualitative-quantitative approach, which takes into account the frequency of occurrence of the tags assigned by users and the type of information they represent. It characterizes the tags and highlights which aspects of the photos are highlighted by the users, from the observation of the format and the content of the tags. Aims to identify how the tags represent the photos and the information contained therein. The tags are assigned in multiple languages and include the themes portrayed in the photos, their locations, technical aspects and the names of the photographers. It concludes that, despite the intrinsic subjectivity to folksonomy based systems, most of the tags actually represent the photos.

Keywords: Folksonomy. Representation of Information. Photography. Tags. Flickr.

1 INTRODUÇÃO

Representar a informação é uma prática comum, pois os indivíduos expressam seus conhecimentos através da forma como representam os objetos e informações. O cenário atual é propício ao surgimento de novas formas de representação, pois o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possibilita que os sujeitos deixem de ser apenas receptores para se tornarem também produtores de informação. O profissional da informação é desafiado a lidar com essas novas demandas, tendo de se adequar a esse contexto em que a subjetividade do usuário é alçada ao centro do processo representacional.

Uma prática crescente em ambientes virtuais é a representação da informação através da atribuição de *tags*, que são palavras, siglas ou outros códigos pessoais atribuídos pelos usuários e que expressam o conteúdo presente nos documentos a partir da perspectiva deles, atuando como espécies de palavras-chave para as informações. A atribuição de *tags* é subjetiva, pois elas são representativas para aquele usuário que as atribui, dentro do contexto específico em que ele está inserido. A folksonomia é o resultado desse processo, entendida como uma forma de classificação social dos recursos da web.

O *Flickr* é um site de compartilhamento de fotografias criado em 2004, seu gerenciamento é interativo e permite aos usuários classificar as fotos por intermédio de *tags*, que auxiliam na sua posterior localização. Os usuários podem criar álbuns para hospedar suas fotografias, além de participar de grupos com interesses em comum, o que permite que o compartilhamento delas seja organizado em torno de uma temática específica. “O Moinhos de Vento – Porto Alegre” é um grupo criado no *Flickr* que objetiva mostrar, através de fotos, as características do bairro Moinhos de Vento, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul¹.

O presente estudo, realizado em agosto de 2016, tem como objeto as *tags* atribuídas pelos usuários às fotografias compartilhadas no grupo “Moinhos de Vento – Porto Alegre”. O objetivo é identificar de que modo as *tags* representam essas fotos e as informações nelas contidas, também

¹ Porto Alegre possui 81 bairros oficiais e o Moinho de Vento é um dos mais antigos, criado pela Lei nº 2.022, de 7 de dezembro de 1959. Segundo o censo do IBGE de 2010, a população do Moinhos é de 7.264 moradores, distribuída em 3.127 domicílios (PORTO ALEGRE, 2016). É um bairro de classe média, arborizado e residencial, com comércio de alto padrão, além de diversas opções de lazer, cultura e diversão, como clubes, shopping, parques, bares e restaurantes, considerados *points* da cidade.

pensando a representação da própria cidade através das *tags*. Este estudo possui uma abordagem quali-quantitativa, levando em consideração a frequência de ocorrência das *tags* atribuídas pelos usuários, bem como que tipo de informação é representada através delas. Foram coletadas todas as fotos compartilhadas pelos usuários no grupo e suas respectivas *tags*, compondo um *corpus* de pesquisa com 123 fotos e 1878 *tags*. A partir disso, realizou-se a sua caracterização e classificação, evidenciando que aspectos e elementos das fotos são ressaltados pelos usuários, levando em consideração tanto o formato das *tags* como seu conteúdo.

2 FOLKSONOMIA E A REPRESENTAÇÃO SUBJETIVA DA INFORMAÇÃO

Uma representação, tal como as representações temáticas ou sociais, diz respeito a uma forma de conceber algo. Para Lima e Alvarez (2012, p. 21), representar “[...] é o ato de utilizar elementos simbólicos – palavras, figuras, imagens, desenhos, mímicas, esquemas, entre outros – para substituir um objeto, uma ideia ou um fato.” Diante disso, a representação da informação é uma prática realizada através da atribuição de significados a um determinado objeto ou documento, configurando-se como a expressão de um conhecimento. Os profissionais das instituições especializadas em informação, como as bibliotecas, os arquivos e os museus, se deparam cotidianamente com o desafio de representar a informação de modo a garantir a sua fácil localização e, assim, incentivar a autonomia dos usuários.

Assim como qualquer outra ciência e/ou prática, a representação da informação também vem passando por transformações paradigmáticas. Em um contexto marcado pelo excesso de informação, o profissional responsável pela sua indexação cada vez mais precisa estar atento às demandas do usuário, que hoje tem acesso a ferramentas que lhe permitem manifestar uma representação. Esse usuário é chamado de sujeito informacional por Assis e Moura (2013), que o definem como sujeito social paradigmático, já que suas relações são estabelecidas por intermédio da linguagem e do compartilhamento de significados. Com isso, poderíamos dizer que o foco deixa de ser a informação em si presente no documento e passa a ser os seus usos sociais, ou seja, suas apropriações pelos usuários.

Essas ferramentas às quais nos referimos são especialmente decorrentes do desenvolvimento tecnológico e da consequente forma como acessamos e interagimos com a web.

Potencializando novas formas de apropriação e representação da informação, a *web 2.0* permite ao sujeito informacional uma maior interação com os conteúdos que acessa. Para Santarem Segundo e Vidotti (2011), o que norteia a *web 2.0* é a intensa participação do usuário e a interatividade com os serviços *online* que resultam em coletividade e permitem a construção da informação de maneira coletiva. Nesse contexto, surgem novas formas do usuário lidar com a informação a qual tem acesso e, conforme Catarino e Baptista (2007, p. 2):

Há muito a ser estudado e desenvolvido nesta nova geração da *Web*; suas características, tecnologias e inovações. Dentre as diversas evoluções que estão ocorrendo, destaca-se o que pode ser considerado como um novo paradigma para a organização dos conteúdos dos recursos digitais na *Web*. A possibilidade de os próprios usuários participarem na organização desses conteúdos é, em especial, uma questão que vale ser pesquisada e implementada. Esta nova abordagem relativa à indexação dos recursos digitais da *Web* toma, genericamente, a designação de Folksonomia.

Também chamado por alguns autores de classificação social ou *social tagging*², o termo *Folksonomia* (do inglês *folksonomy*) surgiu em 2004 e é um neologismo formado pela junção dos termos *folk* (referindo-se ao povo, às pessoas) e *taxonomy* (taxonomia, referindo-se à organização), de autoria do arquiteto da informação Thomas Vander Wall (2005). Conforme o autor, folksonomia³ é o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas (do inglês *tagging*) aos objetos ou informações presentes na *web*, tendo em vista a sua posterior recuperação. Nas palavras de Anderson (2006), a folksonomia é abordada como um processo de rotulagem, no qual as pessoas categorizam o que consideram significativo sobre alguma coisa. Esse termo tem sido incorporado pelos autores da Ciência da Informação, abordando desde estudos sobre organização da informação até pesquisas sobre memória social.

A linguagem utilizada na elaboração de vocabulários controlados (tesauros, por exemplo) é concernente à representação temática, prática do profissional especializado orientada por uma série de regras e modelos pré-estabelecidos. Já a linguagem utilizada na folksonomia é “descontrolada”, na medida em que não é orientada por regras ou modelos, estando à mercê da expressão do usuário dos ambientes colaborativos. “O ato de etiquetar é do próprio usuário da

² Em revisão de literatura realizada por Catarino e Baptista (2007), as autoras identificaram doze termos que expressam diretamente o conceito de Folksonomia, tanto em Inglês como em Português, quais sejam: *bookmarking, collaborative tagging systems, collaborative tagging, folksonomia, folksonomy, social bookmarks manager, social bookmarking, social classification, social tagging, social tagging systems, tagging e tagging systems*.

³ Alguns autores entendem a folksonomia como resultado de um processo, um produto, concordando com Wall, enquanto que outros a concebem como um sistema, uma metodologia, uma abordagem ou o próprio processo. Para maiores informações, sugerimos a leitura de Catarino e Baptista (2007).

informação, [...] não é o autor nem o profissional de indexação que indexam o recurso da *Web*; é o seu próprio usuário.” (CATARINO; BAPTISTA, 2007, p. 3). Ao redigir seu texto, um autor expressa conceitos através de **termos**, enquanto o profissional da informação o faz através de **descritores**. O usuário desses sistemas, por sua vez, se expressa através da atribuição de *tags* aos documentos ou recursos que acessa.

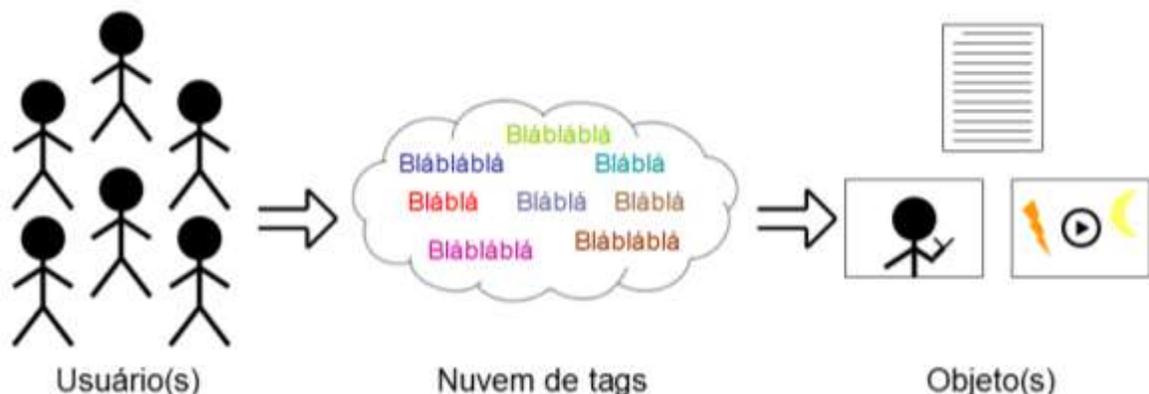
O especialista tem o dever de representar a informação da maneira mais objetiva possível, ao passo que o usuário se vale da sua própria subjetividade, bem como de seus afetos, para atribuir *tags*. Pode-se entender *tags* como “[...] palavras, siglas ou qualquer código pessoal, determinado livremente pelo usuário, de acordo com a sua conveniência. Um objeto pode receber um número ilimitado de *tags*.” (LACERDA; VALENTE, 2007, p. 63). Ademais, Assis e Moura (2013) afirmam que as *tags* demonstram a linguagem compartilhada e modelada que é transmitida constantemente por intermédio das redes sociais e que são agregadas em torno do compartilhamento e da organização da informação em ambientes colaborativos.

A partir do próprio conceito de *tags*, percebemos que não há padrões de representação seguidos pelos usuários, pois enquanto um vocabulário controlado orienta a atribuição de palavras e siglas (através de um sistema lógico-semântico e do uso de remissivas), o usuário tem a liberdade de se expressar da maneira como ele fala coloquialmente. Isso significa que não há a conversão de palavras da linguagem natural para a linguagem artificial. Além disso, geralmente há regras sobre a quantidade de palavras-chave que um documento deve receber, enquanto que não há um limite de *tags* que o usuário pode atribuir a um mesmo documento.

A folksonomia atua sobre o hipertexto, modificando o processo de criação dos links ao permitir que qualquer internauta participe desse processo e o faça considerando a semântica das informações etiquetadas. Funciona como um vocabulário descontrolado, já que não possui nenhuma espécie de controle e pode crescer sem limites, mas isso não quer dizer que o esquema seja uma total desordem. (AQUINO, 2008, p. 3007).

Para que um sistema seja baseado na folksonomia, são necessárias algumas características e a presença de alguns elementos. Conforme Wall (2005), da marcação pessoal realizada pelo usuário pode derivar um grande valor, quando se tem os três elementos necessários para a existência de uma folksonomia, quais sejam: a pessoa que marca (ou seja, que atribui as *tags*); o objeto marcado em si (texto, fotos, vídeo, etc.); e a marca (*tag*) a ser atribuída ao objeto. A título de ilustração, a Figura 1 apresenta esses elementos, demonstrando que a *tag* é, na verdade, fruto da apropriação subjetiva que o usuário faz do objeto em questão, ou seja, é decorrente da interação entre o sujeito e o objeto.

Figura 1 – Elementos da Folksonomia



Fonte: Os autores, a partir de Wall (2005)

Os ambientes virtuais baseados em folksonomia permitem que o usuário navegue pelos conteúdos publicados através das *tags* presentes no sistema, permitindo a recuperação das informações armazenadas. Alguns sites apresentam-nas em conjunto, compondo o que se chama de “nuvem de *tags*”, como ilustrado na Figura 1. Ao clicar em uma dessas *tags*, o usuário recupera todos os documentos do ambiente que foram etiquetados por diferentes usuários com aquela *tag*. A partir disso, é possível perceber as várias maneiras pelas quais um mesmo documento é representado por diferentes usuários.

Apesar do caráter subjetivo e, portanto, pessoal que perpassa o processo de atribuição dessas *tags*, o fato delas serem acessíveis em um ambiente livre atribui um valor coletivo à folksonomia. Conforme Wall (2005), cientes de dois elementos, é possível identificarmos o terceiro. Explicamos: se temos acesso ao objeto e às *tags* a ele atribuídas, podemos encontrar outras pessoas que atribuíram a mesma *tag* aquele objeto, ou seja, indivíduos que potencialmente possuem interesses e/ou vocabulários em comum conosco.

O uso da folksonomia é crescente em diferentes tipos de ambientes virtuais, o que varia é a forma como eles utilizam o potencial dessa ferramenta. Alguns são basicamente calcados na atribuição de *tags*, como é o caso do extinto *del.icio.us*, no qual seus conteúdos ficariam “soltos” no sistema e se tornariam mais difíceis de serem encontrados se não fosse pela etiquetagem (AQUINO, 2008). Já outros, como o *Flickr* e o *Facebook*, atribuem à folksonomia um papel secundário, pois seus demais recursos funcionam muito bem sem as *tags*. Conforme Viera e Garrido (2011), as folksonomias são pertinentes a um sistema no momento em que tudo o que é

necessário é vincular itens em tópicos. Independente da forma de utilização, há uma série de vantagens e desvantagens no uso da folksonomia, apontadas por Catarino e Baptista (2007) e assimiladas no Quadro 1.

Quadro 1 – Vantagens e Desvantagens da Folksonomia

Folksonomia	
Vantagens	Desvantagens
Cunho colaborativo e social da folksonomia, devido aos conteúdos serem organizados pelos seus próprios usuários, que compartilham com outros as suas <i>tags</i> .	A falta de controle do vocabulário, resultante da liberdade de expressão dos usuários no momento da atribuição das etiquetas.
Possibilidade de formação de grupos ou comunidades de usuários que possuam os mesmos interesses, que podem ser identificados através das <i>tags</i> que eles atribuem aos conteúdos dos documentos.	Um mesmo termo pode possuir vários significados para os usuários que atribuem as <i>tags</i> , gerando, assim, baixa precisão na recuperação da informação num sistema que utiliza folksonomia.
A liberdade de expressão do usuário no momento em que cria e atribui suas <i>tags</i> , levando-se em conta que a folksonomia não utiliza uma linguagem controlada.	As palavras-chave atribuídas são frequentemente ambíguas, muito personalizadas e inexatas;
O respeito às diferenças de interpretação textual de cada usuário, na medida em que não há regras para expressão dos termos atribuídos a cada documento.	Baixo controle de sinônimos ou homônimos, falta de regras para a indexação, pois não há definição se os termos devem ser representados na forma singular ou plural, simples ou composta, além de termos empregados e que não possuem significado, exceto para um grupo específico de usuários.
Todos os recursos etiquetados estão disponíveis na <i>Web</i> , sendo acessíveis a qualquer computador ligado à internet.	A falta de controle de vocabulário e de regras gerais para a aplicação das palavras-chave causam vários problemas que afetam a recuperação da informação.

Fonte: Catarino e Baptista (2007)

A partir da leitura do quadro, verificam-se as vantagens da folksonomia (colaboração social, grupos, comunidades, liberdade de expressão, interpretação livre, recursos disponíveis na *web*), bem como suas desvantagens (falta de controle, baixa precisão na recuperação, ambiguidade, personalização, inexatidão, baixo controle de sinônimos e homônimos, ausência de regras de indexação). A respeito da falta de controle apontada pelas autoras, especificamente, cabe uma reflexão: do ponto de vista dos sistemas tradicionais de organização da informação, os sistemas baseados em folksonomia poderiam ser considerados desorganizados. Entretanto, como a característica principal deles é a organização da informação para a sua posterior recuperação para cada usuário em particular, consideramos que a falta de controle não é necessariamente uma desvantagem, na medida em que é essa liberdade que dá sentido à prática de atribuir *tags*. Essas

características são inerentes aos sistemas folksonômicos e vão ao encontro de Carvalho, Lucas e Gonçalves (2010, p. 80), quando afirmam:

As principais preocupações que giram em torno da organização de informações em redes colaborativas, onde quem produz e classifica as informações são os usuários (linguagem natural), dizem respeito aos problemas que influem na precisão da informação recuperada.

Segundo Assis e Moura (2013), os pontos fortes no uso da folksonomia acabam revelando suas imperfeições. No entanto, suas desvantagens não devem desmerecer sua utilidade, pois conforme Santarem Segundo e Vidotti (2011), ela é um recurso rico que promove o fortalecimento e solidificação da internet como plataforma para a construção de informação coletiva. Além disso, tem um papel importante em articular a formação de comunidades, bem como na preservação da memória de grupos específicos. (VIERA; GARRIDO, 2011). A folksonomia traz contribuições aos estudos da organização da informação na área da Ciência da Informação, de modo que ela surge como um meio de grupos se expressarem. Conjuntamente, ela propicia estudos que enfoquem na agregação, na análise e no funcionamento de diferentes comunidades que podem dinamizar o compartilhamento e a especificação de linguagens de referência (QUINTARELLI, 2005). Nesse sentido, estudar a apropriação que os usuários fazem desses sistemas, ou seja, a forma como eles interagem neles, é um novo desafio para a área da Ciência da Informação.

3 A CIDADE REPRESENTADA EM TAGS: UM ESTUDO NO *FLICKR*

O *Flickr* é um ambiente virtual de compartilhamento de fotos criado em 2002 por Caterina Fake e Stewart Butterfield. Baseado em folksonomia, nele os usuários publicam fotos, tanto em seus perfis particulares como em grupos, de modo que podem ser organizadas ou não através de álbuns. Os usuários podem realizar buscas no sistema nas páginas individuais de outros usuários ou também nas páginas de grupos. Também é possível publicar comentários nas fotos de outros usuários, mas para isso é necessário ser cadastrado no sistema.

As fotos compartilhadas no *Flickr* também podem receber *tags* dos usuários, embora tal ação não seja obrigatória para a publicação dos documentos. Além disso, o usuário que publica a foto precisa autorizar a atribuição de *tags* e comentários pelos outros usuários nas suas fotos. Fotos que não possuem *tags* ficam desconectadas de outras fotos, tanto do próprio usuário que as publicou como dos demais, mas elas permanecem acessíveis através do motor de busca do sistema.

O grupo “Moinhos de Vento – Porto Alegre” foi criado em março de 2009 e é formado atualmente por 50 membros, tendo o objetivo de caracterizar o bairro Moinhos de Vento através de fotografias. Idealizador do grupo, o usuário Rodrigo Beheregaray o apresenta da seguinte forma:

Alo pessoal. Depois de fotografar e ver tantas fotos de nosso querido bairro, com tanto assunto nele a ser registrado, resolvi fazer essa homenagem de criar este grupo do Moinhos de Vento. Incrivelmente ainda não havia um grupo aberto para postar com essa temática aqui no *Flickr*. Assim, pra puxar um papo, coloquem aqui o que mais gostam do bairro, o que acham mais relevante nele para ser registrado, etc. (BEHEREGARAY, 2009, *online*).

Como se pode perceber pela descrição do criador, há um vínculo afetivo dos membros do grupo para com o bairro, o que rende uma análise a respeito do papel desse grupo na dinamização das memórias desses cidadãos.⁴ Entretanto, o presente estudo, realizado em agosto de 2016, tem como objeto as *tags* atribuídas pelos usuários às fotografias compartilhadas no grupo. O objetivo é identificar de que modo essas *tags* representam as fotos e as informações nelas contidas, também pensando a representação da própria cidade através das *tags*.⁵

Este estudo possui uma abordagem quali-quantitativa, pois leva em consideração a frequência de ocorrência das *tags* atribuídas pelos usuários, bem como quais tipos de informações são representadas através delas. Foram coletadas todas as fotos compartilhadas pelos usuários no grupo e suas respectivas *tags*, compondo um *corpus* de pesquisa com 123 fotos e 1878 *tags*. A partir disso, realizou-se a caracterização das *tags* através da sua classificação, evidenciando o seu formato e o seu conteúdo.

3.1 A caracterização das *tags*: análise do formato

A caracterização das *tags* teve início na análise do seu formato, uma vez que o usuário, ao etiquetar os documentos, não segue um padrão previamente estabelecido pelo sistema. Os sistemas baseados em folksonomia geralmente não estabelecem valores ou formatos para as *tags* atribuídas pelos usuários. Nosso intuito é, então, identificar de que modo os usuários representam as fotografias quando as etiquetam.

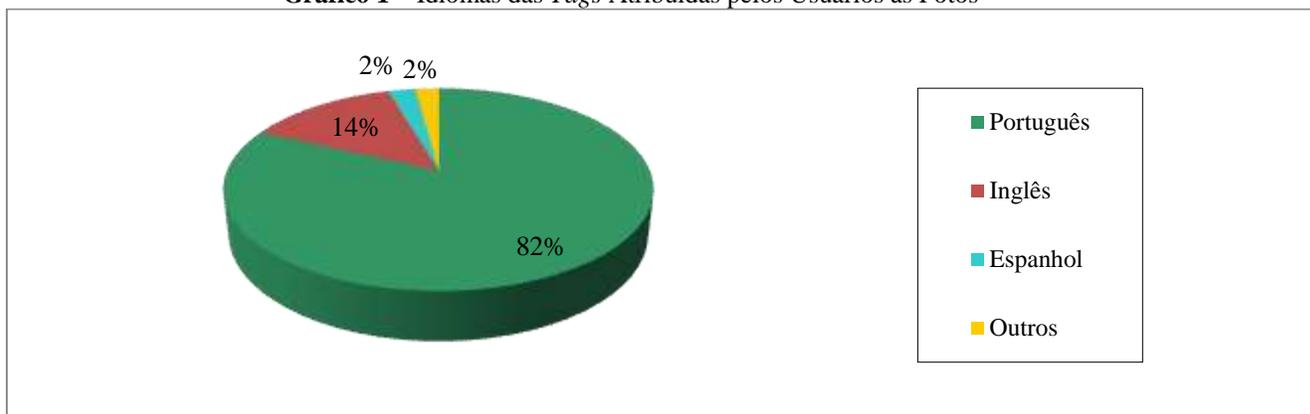
⁴ O grupo foi analisado enquanto um lugar de memória no estudo de Morigi e Massoni (2014).

⁵ A escolha do *Flickr* ocorreu em razão de ser um reconhecido site de compartilhamento de fotos, usado por fotógrafos profissionais e demais cidadãos. A escolha do grupo analisado se deu pelo interesse dos autores no estudo da cidade enquanto espaço de práticas socioculturais.

A partir da análise dos dados, verificou-se que a subjetividade e a assimetria caracterizam a atribuição das *tags*, variando de acordo com o comportamento de cada usuário. Enquanto alguns costumam atribuir muitas *tags*, outros atribuem poucas ou mesmo nenhuma. Oito das 123 fotos não foram etiquetadas, a foto com mais *tags* recebeu 74 e, em média, foram atribuídas 15 *tags* por foto. O ranking dos colaboradores do grupo indica que foram postadas 27 fotos pelo usuário que mais contribuiu com o grupo. Por coincidência, este também é o usuário que mais atribuiu *tags* às suas fotos – das 1878, 1115 foram atribuídas por ele.

A questão idiomática chama atenção na análise das *tags* atribuídas pelos usuários, pois embora eles sejam brasileiros, identificou-se *tags* em Inglês e Espanhol, bem como outras línguas, como ilustrado no Gráfico 1. Apenas alguns usuários têm o hábito de utilizar *tags* em outros idiomas, enquanto que nenhum deles atribuiu apenas *tags* nessas línguas, pois a ocorrência delas sempre era acompanhada de *tags* em Português. Algumas delas são: *park, house, garden, nature, night, South America, América Del Sur, Mercosur, Brazil, negativ, sulamerica, ciudad, Brésil e Braziliëc*. Uma das explicações para esse comportamento é a provável preocupação desses usuários com a posterior recuperação das fotografias, de modo a torná-las mais facilmente acessíveis por usuários de outros países.

Gráfico 1 – Idiomas das *Tags* Atribuídas pelos Usuários às Fotos



Fonte: Os autores

Outro aspecto observado foi a variabilidade com que os usuários representam palavras compostas. Alguns utilizam uma única *tag* para representá-las, como, por exemplo: *Moinhos de Vento, ao ar livre, Rua Dinarte Ribeiro, preto e branco, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, panorama urbano e canteiro de flores*. Por outro lado, alguns utilizam várias *tags* para representar

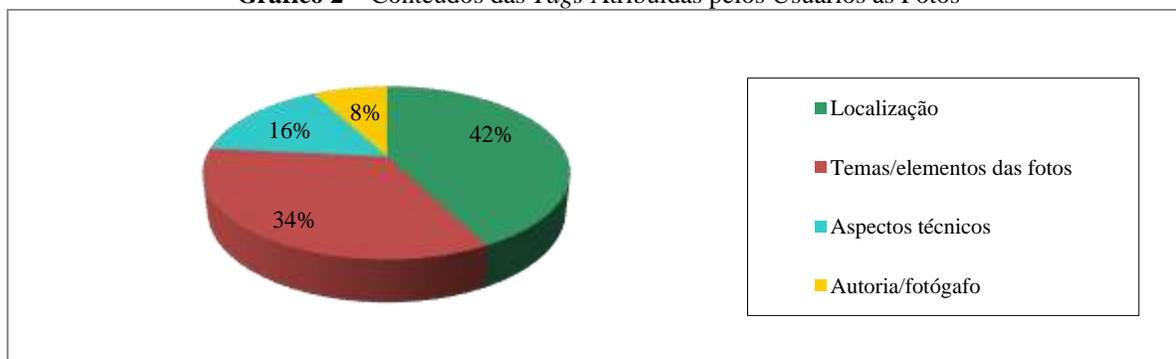
um único conceito, ou seja, separam as palavras compostas. É o caso de *tags* como: *Rio, Grande, do, Sul, Moinhos, de, Vento, América, del, Sur, pai, e, filho, arte, de, rua*, etc. No caso, para que o sentido original dessas palavras não se perdesse, os usuários deveriam tê-las representado em apenas uma *tag*: *Rio Grande do Sul, Moinhos de Vento, América del Sur, pai e filho e arte de rua*. Obviamente, é possível que muitos usuários não saibam da possibilidade de escrever palavras compostas em apenas uma *tag*, o que facilita a recuperação dessas fotografias, por manter o sentido original dado aos termos.

Além disso, percebeu-se o uso de siglas e abreviações, tais como ETA (Estação de Tratamento de Água), DMAE (Departamento Municipal de Águas e Esgotos), RS (Rio Grande do Sul), etc. Alguns usuários, inclusive, se expressam das duas formas, escrevendo uma *tag* com a palavra por extenso e em outra *tag* a sua sigla, como os usuários que atribuíram ao mesmo tempo *Porto Alegre* e *POA* às suas fotos.

3.2 A caracterização das *tags*: análise do conteúdo

Após a observação dos formatos das *tags*, analisou-se o seu conteúdo, pois os usuários possuem a liberdade de representar quaisquer tipos de informações nas *tags*, devido à subjetividade que caracteriza a folksonomia. Sistemas convencionais guiam a representação dos temas presentes nos documentos, ao passo que, na folksonomia, o usuário não é orientado com relação ao que deve representar nas *tags*. Sendo assim, identificou-se quais tipos de informações os usuários representam quando etiquetam as fotos.

Gráfico 2 – Conteúdos das *Tags* Atribuídas pelos Usuários às Fotos



Fonte: Os autores

Com relação aos conteúdos das *tags* (Gráfico 2), percebeu-se que grande parte delas informam sobre a localização dos lugares fotografados, englobando desde os mais gerais (continente, país, etc.), até os mais específicos (bairro, rua, etc.). Exemplos dessas *tags* são: *América do Sul, Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Moinhos de Vento, Rua Félix da Cunha, Rua Dinarte Ribeiro e Calçada a Fama*. Esse dado se explica pelo fato do grupo analisado reunir justamente fotografias de um lugar – o bairro Moinhos de Vento, sendo composto por registros do ambiente urbano. Desse modo, essas *tags* também poderiam ser entendidas como uma representação do tema das fotos (o lugar), mas optou-se por agrupá-las em uma categoria própria. Se a temática do grupo fosse outra, provavelmente seria menor a ocorrência desse tipo de *tags*.

Aproximadamente um terço das *tags* diz respeito efetivamente aos temas fotografados, ou seja, aos elementos que compõem as paisagens das fotos. A variedade dos temas retratados nas *tags*, fruto do olhar de cada usuário que as atribuiu, chama atenção, pois elas representam aspectos como: período do dia (*entardecer, noite, etc.*); clima e paisagem (*chuva, relâmpago, sol, ao ar livre, primavera, céu, etc.*); pessoas (*gente, girl, pai e filho, sozinho, tomada de grupo, etc.*); construções (*arquitetura, arranha céu, torre, edifício, Hotel Sheraton, etc.*); flora (*jacarandás, árvore, jardim, etc.*); sentimentos (*serenidade, descanso, carente, alegria, etc.*), dentre outros (*calçada, rua, carro, bares, etc.*).

Como mencionado em diversos momentos desse texto, a liberdade marca a etiquetagem das *tags*, o que pode gerar incoerências na representação da informação. Um exemplo é o usuário que fotografou a Estação de Tratamento de Água (ETA) localizada no bairro e atribuiu a *tag Corsan*, sigla da Companhia Riograndense de Saneamento (que opera a distribuição de água em boa parte do RS), embora a responsabilidade pela água de Porto Alegre seja do DMAE, e não da referida empresa.

Os usuários extrapolam a representação temática das fotos, pois englobam também a representação descritiva. Além dos temas das fotografias, são representados também aspectos técnicos, referentes aos equipamentos e técnicas de fotografia usados na captura das imagens. Algumas dessas *tags* representam equipamentos e materiais (*Nikon, Canon, Panasonic, Fuji, Nikkor, D5000, 85mm, negativas, sépia, monocromático, preto e branco, etc.*), enquanto outras tratam das técnicas de captura de imagem (*zoom, baixa exposição, contraluz, profundidade de campo, moldura de foto, etc.*). Uma possível explicação para essa escolha por parte dos usuários é

a de que, embora não se refiram aos temas fotografados, as técnicas adotadas interferem diretamente no resultado final das fotos, ou seja, na informação produzida.

Por fim, observou-se que algumas *tags* indicam a autoria das fotos, com o nome do fotógrafo, que é o caso das *tags* *Paulo Hopper*, *Lucas Pedruzzi* e *Rodrigo Beheregaray*. Paulo Hopper é o usuário que mais compartilhou fotos no grupo e também o que mais etiqueta *tags* nas suas fotos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo “Moinhos de Vento – Porto Alegre” no *Flickr* encontra-se ativo desde 2009 e tem por princípio apresentar por meio de fotografias as características do bairro Moinhos de Vento, localizado na cidade de Porto Alegre. O grupo reúne 50 membros e possui um acervo de 123 fotos e 1878 *tags*. Através deste estudo, foi possível identificar como as *tags* representam as fotografias postadas no grupo e as informações nelas contidas. A caracterização das *tags*, através da avaliação do seu formato, revelou subjetividade e assimetria, pois o maior número de *tags* foi 74 em uma única foto, a média de *tags* por foto foi 15 e oito fotos não foram etiquetadas. O usuário que mais colaborou com o grupo postou 27 fotos e também é o membro que mais atribui etiquetas.

Destaca-se que a subjetividade é um aspecto intrínseco aos sistemas folksonômicos, mas que isso não acarreta, necessariamente, na diminuição da sua eficácia enquanto sistema de representação da informação. Isso porque, *a priori*, o seu objetivo é representar a informação para aquele sujeito que interage com o ambiente e atribui *tags*. Além disso, como evidenciado neste estudo, boa parte das *tags* representa aspectos das fotos compartilhadas no grupo.

A maioria das *tags* está escrita em Português (82%), o Inglês aparece em 14% delas e o Espanhol em 2%, enquanto que outros idiomas correspondem a apenas 2% do total. Uma pequena parte dos usuários aplica a etiquetagem em outras línguas, de modo que quando o fazem, mesclam com *tags* em Português. Logo, nenhum colaborador empregou *tags* unicamente em língua estrangeira. Isso indica que pode haver uma preocupação em facilitar a posterior recuperação das fotos, inclusive, por usuários de outras nacionalidades.

Palavras compostas apresentaram variação em relação a sua representação. Algumas estavam escritas em uma única *tag*, ao passo que outras desmembradas em etiquetas menores. Estas

acarretam em dificuldades na recuperação, pois perdem o seu sentido original. Siglas e abreviaturas também foram observadas e mais de um usuário optou por representar as *tags* nas duas formas: por extenso e sigla.

No tocante ao conteúdo, prevaleceram as informações sobre a localização dos lugares fotografados. Em tal caso, isso ocorre em consequência da temática do grupo ser o bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Um terço das *tags* correspondeu aos elementos que compõem as paisagens das fotos e se constatou também uma grande variedade de temáticas abordadas, tais como: período do dia, clima e paisagem, pessoas, construções, flora, sentimentos, entre outros.

Identificou-se, nas *tags*, que a representação temática é mesclada com elementos de representação descritiva. Verificou-se *tags* referentes a equipamentos, materiais e técnicas de captura de imagem, indicando que a técnica adotada interfere na fotografia. A autoria das imagens é apontada em determinadas etiquetas e o usuário que mais compartilha fotos é também o que mais atribui *tags* a elas.

Este estudo é uma observação preliminar das *tags* atribuídas pelos usuários às fotos do grupo. Traçado esse panorama, estudos futuros podem ser realizados para aprofundar a análise e evidenciar em que medida essas *tags* poderiam se caracterizar como termos, configurando-se como descritores sobre o ambiente urbano. A consulta a alguns usuários, por meio da realização de entrevistas, poderia auxiliar na análise, uma vez que permitiria compreender melhor quais as motivações deles na hora da elaboração das *tags*.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. Rio de Janeiro: Editora Campus-Elsevier, 2006.

AQUINO, Maria Clara. A folksonomia como hipertexto potencializador de memória coletiva: um estudo dos links e das tags no de.licio.us e no Flickr. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 303-320, set./dez. 2008.

ASSIS, Juliana de; MOURA, Maria Aparecida. Folksonomia: a linguagem das tags. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 85-106, jan./abr. 2013.

BEHEREGARAY, Rodrigo. **Abrindo... bem-vindos!** [Mensagem em lista de discussões]. 2009. Disponível em: <www.flickr.com/groups/moinhospoa/discuss/72157614657354293/>. Acesso em: 14 ago. 2016.

CARVALHO, Lidiane dos Santos; LUCAS, Elaine R. de Oliveira; GONÇALVES, Lucas Henrique. Organização da informação para recuperação em redes de produção e colaboração na web. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 71-86, jan./jun. 2010.

CATARINO, Maria Elisabete; BAPTISTA, Ana Alice. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na web. **DataGramZero**, v. 8, n. 3, p. 1-18, jun. 2007.

LACERDA, José Alexandre Costa; VALENTE, Pedro Gonzaga. A emergência em sistemas baseados em folksonomias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 59-67, jul./dez. 2007.

LIMA, José Leonardo Oliveira; ALVAREZ, Lillian. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVAREZ, Lillian. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012. p. 21-34.

MOINHOS DE VENTO – PORTO ALEGRE. [Grupo do Flickr]. Disponível em: <www.flickr.com/groups/moinhospoa/>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MORIGI, Valdir Jose; MASSONI, Luis Fernando Herbert. Memórias em rede: as fotografias em ambientes virtuais. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 517-530, jul./dez. 2015.

PORTO ALEGRE. Urbanismo. **Moinhos de Vento**. Disponível em: <www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=47&p_secao=131>. Acesso em: 19 ago. 2016.

QUINTARELLI, Emanuele. Folksonomies: power to the people. In: ENCONTRO ISKO ITÁLIA – UNIMIB, 2005, Milão. **Anais eletrônicos...** Milão: Università di Milano, 2005.

SANTAREM SEGUNDO, José Eduardo; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Rede de tags para recuperação da informação no contexto da Representação Iterativa. **InCID**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 86-109, jan./jul. 2011.

VANDER WAL, Thomas. **Folksonomy definition and Wikipedia**. 2005. Disponível em: <<http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1750>>. Acesso em: 06 set. 2016.

VIERA, Angel Freddy Godoy; GARRIDO, Isadora dos Santos. Folksonomia como uma estratégia para recuperação colaborativa da informação. **DataGramZero**, Rio da Janeiro, v. 12, n. 2, abr. 2011.